

ORQUIDÁRIO

Livro Toribio R.O.4

Obra n.º



ORQUIDÁRIO

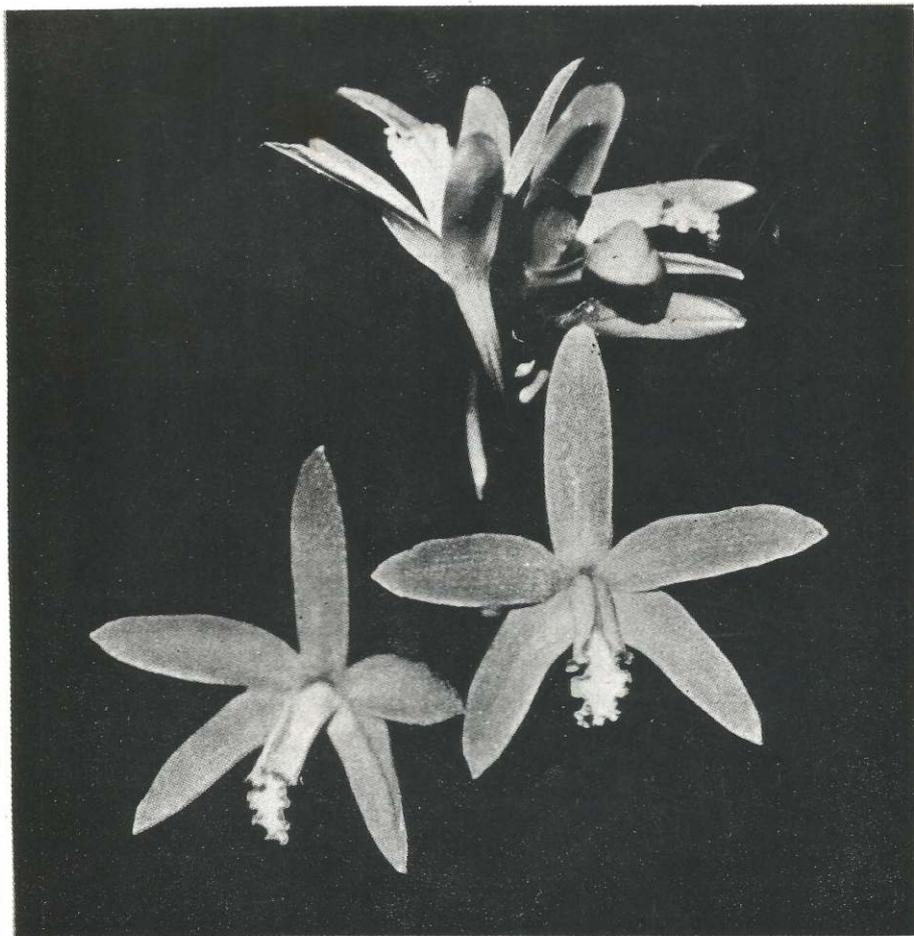
Revista Oficial
da

Orquidário

VOL. 1

Out/Dez 1987

N. 4



R.04

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente (licenciado)	Edward G. E. Kilpatrick
Presidente (em exercício)	Álvaro A. A. Pessoa dos Santos
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro	Hans J. O. Frank
Diretor Técnico	Francisco E. L. F. de Miranda
Diretor Social	Helena Eyer
Diretor de Exposições	Roberto Agnes
Editor	Francisco E. L. F. de Miranda
Comissão Editorial	Álvaro Pessoa Maria Cristina de C. Miranda Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	20 OTN
Meia página	10 OTN
Quarto de página	5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRIO
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

Livro Tombo n.º *Revista 04* R. 04

INDICE

Obra n.º

29/04/92
.....

Bibliotecário

CONTEÚDO

• Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 3	Francisco Miranda	66
• Os insucessos que Ninguém conta e as Orquídeas que matei	Álvaro Pessoa	71
• Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 4	Francisco Miranda	73
• RICHARD SPRUCE e a divulgação da Flora Amazônica	Álvaro Pessoa	76

NOTAS

Capa		63
Conteúdo do Próximo Número		70

COLUNAS

Editorial		65
-----------	--	-----------



CAPA

Entre as orquídeas que caracteristicamente florescem no último trimestre do ano, estão as Laelias da secção Parviflorae, as chamadas Laelias rupícolas, cuja maioria das espécies nesta época apresenta suas flores. Dentre estas plantas, que neste número começam a ser abordadas, podemos mencionar *Laelia angereri* como uma das mais raras e belas. Esta espécie, caracterizada por flores alaranjadas até vermelho-intensas, exibe suas flores em inflorescências que podem atingir quase 1 metro de altura, formando belo conjunto. A espécie ainda é pouco usada para produção de híbridos e desta forma seu potencial ainda está para ser explorado.



INDICE DO VOL. 1

AGNES, R. - Por Que Julgar _____	6
- O Cultivo de Phalaenopsis _____	9
- Orquídeas da África - 1 - Disa uniflora _____	18
- Por Que Julgar - 2 _____	26
- Orquídeas da África - 2 - Ansellia _____	42
- Cattleyas miniatura _____	52
- Orquídeas da África - 3 - Angraecum _____	57
FRANK, H. - O Mateiro _____	50
HOEHNE, F. C. - Algo de Orquidologia para Orquidófilos _____	29
MIRANDA, F. - Laelias Brasileiras - Noções, Espéci- es e Cultivo - 1 _____	12
- Laelias Brasileiras ... - 2 _____	34
- Laelias Brasileiras ... - 3 _____	66
- Laelias Brasileiras ... - 4 _____	73
MIRANDA, M. C. - Taxonomia Vegetal - Considerações para Orquidófilos _____	32
PÉSSOA, A. - As Leis da "Implicância Natural das Coisas" Aplicáveis à Orquidofilia _____	8
- Os insucessos que Ninguém conta e as Orquídeas que matei _____	71
- RICHARD SPRUCE e a divulgação da Flora Amazônica _____	76

EDITORIAL

Com a publicação do presente número, a revista Orquidário com pleta seu primeiro ano de existência, e é tempo de fazermos uma avaliação de objetivos, tanto os alcançados quanto os não. A revista se propôs, desde o primeiro número, a publicar artigos sempre que possível inéditos e que cobrissem todas as áreas possíveis da orquidofilia, tratando-se com humor ou extrema seriedade, dependendo da ocasião. Com relação a este aspecto, ficamos felizes em constatar que o nível tem sido uniforme nestes quatro primeiros números. A revista sempre objetivou ser um veículo de divulgação, também, para os comerciantes de orquídeas, e este aspecto foi trabalhado com muito cuidado neste primeiro ano de existência. A política editorial da revista sempre foi a de que a mesma fosse uma opção séria para os anunciantes, e desta forma não apareceram anúncios nos primeiros dois números, de modo a que os potenciais anunciantes avaliassem primeiro em que nível ficaria a revista, e desta forma a Orquidário não fez pressão para que os anunciantes se manifestassem antes de avaliar a qualidade do produto. Com isso evitamos um tipo de paternalismo de prática comum em nosso meio, e que a longo prazo enfraquece mais do que ajuda a revista.

Como esta avaliação deve ser honesta, as falhas devem ser também apontadas. A primeira diz respeito às datas de edição nos números, que desde o primeiro saíram atrasados. O objetivo é agora colocar em dia a revista até o meio deste ano. Esse tipo de falha geralmente pode ser explicado pelo fato de que a equipe redatorial é amadora, em sensu stricto, e desta forma não tem podido dedicar o tempo necessário para a revista, entretanto é melhor tentar sanar as falhas do que justificá-las. A segunda falha diz respeito ao conteúdo em si. Apesar de, como dito, o nível dos artigos ter sido mantido, a revista se ressentiu de uma falta de mais colaboradores, e isso só pode ser resolvido com a conscientização por colaboradores e leitores de que todos nós sempre temos algo a informar a outros orquidófilos, em algum aspecto da orquidofilia, tais como relatos de excursões, observações sobre cultivo, e assim por diante.

Estes aspectos mencionados acima são o resultado de uma auto-análise por parte do Editor fundamentada por opiniões e críticas externadas durante este primeiro ano da revista. Para terminar, o Editor gostaria de agradecer a todas as palavras de incentivo recebidas desde a fundação da Orquidário e também a todos os que colaboraram de maneira direta ou indireta para que nossa modesta revista se tornasse uma realidade. Finalmente, a nossa, sua revista será tanto maior quanto forem suas contribuições e críticas.

FRANCISCO MIRANDA

Laelias Brasileiras - Noções, espécies e cultivo - 3

FRANCISCO MIRANDA¹

A secção *Hadrolaelia* é um grupo muito interessante dentro do gênero *Laelia*. As espécies deste grupo são bem caracterizadas pela ausência de espata floral, de modo que as flores se desenvolvem protegidas pela nova folha, quase sempre folha e flor se desenvolvendo simultaneamente. Estas plantas produzem um número relativamente pequeno de flores por broto, o que não é de admirar, levando-se em conta as pequenas dimensões destes. A regra é de 1-2 flores em cada broto, mas pelo menos em uma espécie, *Laelia sincorana*, já foram observadas 3 e até mesmo 4 flores em um mesmo broto. Vegetativamente, como já dito, as plantas são pequenas, raramente atingindo 20 cm de altura, sem flores, e normalmente isso só ocorre com uma espécie, *L. jongheana*. As flores são sempre relativamente grandes em relação ao tamanho da planta, e quase sempre muito vistosas e duráveis (comparando com outras *Laelia*).

Esta secção compreende 6 espécies atualmente aceitas, que são tratadas a seguir.

Laelia pumila

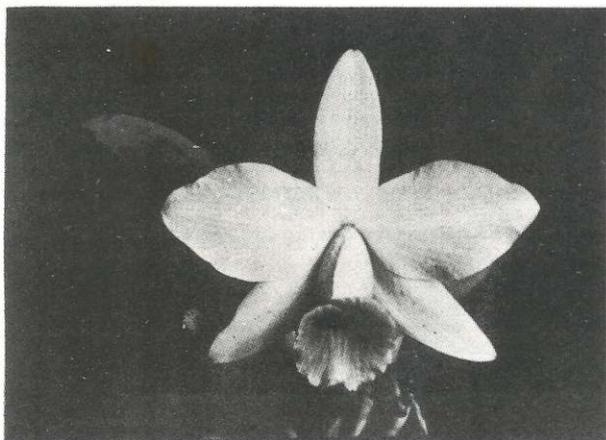
A mais conhecida espécie da secção é aqui tratada em senso estrito, isto é, independente de *L. dayana* e *L. praestans*. Atualmente, esta é a abordagem mais aceita pelos taxonomistas, mas é sempre bom mencionar que, no passado, muitas vezes podemos encontrar menção destas duas espécies como variedades de *L. pumila*. Assim, a espécie é nativa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, mas é importante observar que muitas das citações para este último estado na verdade correspondem à *L. praestans*. É espécie de altitude média, mas algumas populações ocorrem a bem mais de 1000 m de altitude. Vegetativamente, pouco se diferencia das duas espécies próximas, de modo que sem flores é impossível ou quase separá-las. Os pseudobulbos são elíptico-alongados, mas roliços, e não achatados como nas espécies da secção *Cattleyodes*, muito raramente atingindo 10 cm de comprimento. São encimados por uma única folha oblongo-lanceolada, distintamente em forma de canaleta, carnosa, sem nervuras nítidas, o que inclusive caracteriza o gênero (esse tipo de nervação "invisível"). Estas folhas também raramente ultrapassam 10 cm de comprimento. As flores são muito vistosas, geralmente róseas em vários tons com la belo mais escuro. Flores com mais de 13 cm de largura total já foram observadas. As sépalas geralmente formam um triângulo perfeito, entretanto, com exceção dos melhores clones, geralmente apresentam-se algo reflexas. As pétalas são elíptico-lanceoladas, em alguns casos quase redondas, nos bons clones dispendo-se planas. O labelo é tubular, envolvendo totalmente a coluna, e não é nitidamente trilobado, com suas porções laterais se tocando quase sempre perfeitamente fechando o tubo. A porção frontal do labelo é geralmente roxa e bem mais escura do que o restante da flor, produzindo belo contraste. O efeito é de um anel mais escuro na borda do labelo. O interior do labelo é branco, e geralmente na área onde estas cores se encontram aparecem 3-7 dentes achatados lateralmente e paralelos, como se fossem quilhas reduzidas. A época de floração geralmente vai de janeiro a abril. Com relação às variedades hortícolas, mais corretamente formas de cor, podemos citar *alba*, com

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

flores inteiramente brancas; *semi-alba*, apenas com o labelo colorido; *delicata*, com flores brancas e colorido róseo claro no labelo; e *coerulea*, com tons róseo-azulados nos segmentos e labelo roxo-aço muito escuro.

Laelia praestans

Uma das espécies previamente consideradas como variedade de *L. pumila*, a presente bem se caracteriza. A coloração básica das flores, é, como dito, a mesma, assim como o porte vegetativo. Entretanto, no labelo encontramos diferenças básicas. Em *L. praestans*, o labelo é igualmente tubular, mas uma das laterais sempre passa por cima da outra, dando ao labelo um efeito de "cartucho". Olhando-se o labelo de perfil, temos que na presente espécie ele não é retilíneo, antes apresenta-se um tanto sigmóide, formando algo como uma "barriga". Em termos de coloração, outra diferença fundamental: o tubo é sempre amarelo a alaranjado, ao invés de branco, como na espécie anterior, além da coloração roxa da porção frontal não ser tão contrastante. A diferença final é que nesta espécie estão ausentes os "dentes" no labelo, sendo este totalmente liso, ou melhor, com algumas cristas bem pouco nítidas no fundo do labelo. A espécie é nativa do estado do Espírito Santo, e citações para outros estados certamente são referentes às outras espécies próximas. A altitude em seu habitat é média, algo entre 600-1000 m. Com relação a variedades, muito pouco se sabe, achamos mesmo que citações dizem respeito na verdade a outras espécies. Sua época de floração é março-abril.



Laelia praestans 'estrela'

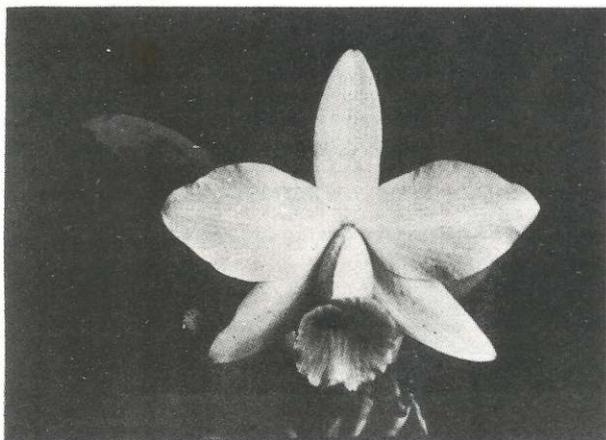
Laelia dayana

Outra das "pumilas". Esta espécie é ainda mais característica do que a anterior, e é muito bem conhecida por suas "qualidades", entre os orquidófilos. Vegetativamente, é indistinta das duas anteriores. Entretanto, suas flores são bem distintas. A coloração básica é a mesma, mas o que chama a atenção é a disposição das pétalas e sépalas, sempre (com exceção de raríssimos clones) fortemente enroladas para trás. Além dessa característica, de efeito de vastador para o conceito da espécie entre os orquidófilos, as pétalas são mais estreitas que as das espécies próximas (as duas anteriormente tratadas).

flores inteiramente brancas; *semi-alba*, apenas com o labelo colorido; *delicata*, com flores brancas e colorido róseo claro no labelo; e *coerulea*, com tons róseo-azulados nos segmentos e labelo roxo-aço muito escuro.

Laelia praestans

Uma das espécies previamente consideradas como variedade de *L. pumila*, a presente bem se caracteriza. A coloração básica das flores, é, como dito, a mesma, assim como o porte vegetativo. Entretanto, no labelo encontramos diferenças básicas. Em *L. praestans*, o labelo é igualmente tubular, mas uma das laterais sempre passa por cima da outra, dando ao labelo um efeito de "cartucho". Olhando-se o labelo de perfil, temos que na presente espécie ele não é retilíneo, antes apresenta-se um tanto sigmóide, formando algo como uma "barriga". Em termos de coloração, outra diferença fundamental: o tubo é sempre amarelo a alaranjado, ao invés de branco, como na espécie anterior, além da coloração roxa da porção frontal não ser tão contrastante. A diferença final é que nesta espécie estão ausentes os "dentes" no labelo, sendo este totalmente liso, ou melhor, com algumas cristas bem pouco nítidas no fundo do labelo. A espécie é nativa do estado do Espírito Santo, e citações para outros estados certamente são referentes às outras espécies próximas. A altitude em seu habitat é média, algo entre 600-1000 m. Com relação a variedades, muito pouco se sabe, achamos mesmo que citações dizem respeito na verdade a outras espécies. Sua época de floração é março-abril.



Laelia praestans 'estrela'

Laelia dayana

Outra das "pumilas". Esta espécie é ainda mais característica do que a anterior, e é muito bem conhecida por suas "qualidades", entre os orquidófilos. Vegetativamente, é indistinta das duas anteriores. Entretanto, suas flores são bem distintas. A coloração básica é a mesma, mas o que chama a atenção é a disposição das pétalas e sépalas, sempre (com exceção de raríssimos clones) fortemente enroladas para trás. Além dessa característica, de efeito de vastador para o conceito da espécie entre os orquidófilos, as pétalas são mais estreitas que as das espécies próximas (as duas anteriormente tratadas).

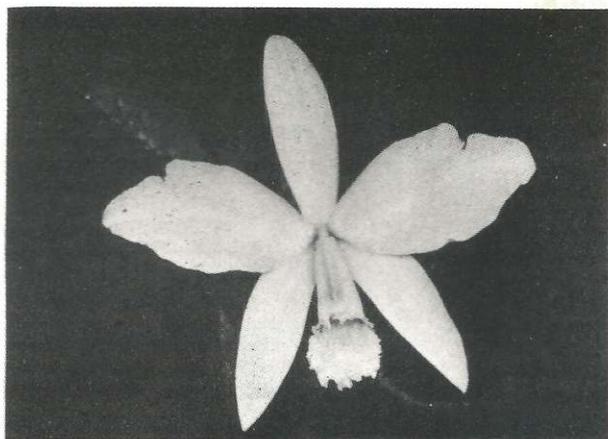
O labelo é a porção mais vistosa das flores da espécie, e neste aspecto esta espécie suplanta as duas anteriores. O labelo é maior e bem aberto. O colorido de seu tubo é branco, mas a porção frontal, como dito, bem aberta, é fortemente venulado de roxo, o que produz magnífico contraste. A espécie é nativa somente do estado do Rio de Janeiro, e sua época de floração é a primeira no ano entre as "pumilas", a saber, entre janeiro e março.

Laelia sincorana

Aqui temos mais uma espécie com flores semelhantes às da *L. pumila*. Entretanto, as plantas são completamente diferentes. Estas diferenças vegetativas podem ser muito bem explicadas como adaptação às adversas condições de seu habitat. A espécie é nativa da serra do Sincorã, no estado da Bahia, e esta região não possui umidade atmosférica alta por todo o ano, sendo mesmo caracterizada por uma marcada estação seca, que pode chegar a seis meses. Além do mais, ao contrário das 3 espécies anteriormente mencionadas, esta espécie está sujeita a muita insolação, quando vive sobre os troncos de *Vellozia* ou mesmo sobre pedras, enquanto que as outras 3 vivem na mata. Desta maneira, é fácil de se entender como as plantas possuem este porte atarracado, com pseudobulbos redondos ou quase e folhas idem, bastante carnosas e acanoadas. Apesar destas características estarem de certa forma fixadas através de gerações e gerações, que elas são reflexo das condições no habitat é fácil de provar. Tente-se cultivar uma *L. sincorana* à sombra ou mesmo com luminosidade inferior à do habitat natural, e o resultado será um novo broto, que dificilmente florirá, com aparência que se não é a de uma *L. pumila*, é algo intermediário entre o normal para as duas espécies. As flores, como dito, são semelhantes às de uma *L. pumila*, mas as pétalas são geralmente bem mais estreitas (em alguns bons clones, as pétalas podem até ser bem largas, mas nunca redondas como as das melhores *L. pumila* ou *L. praestans*). O labelo também é algo diferente, mas estas diferenças são mais restritas a colorido e ao fato das porções laterais formarem como "orelhas", o que dá ao labelo um aspecto um tanto mais para quadrado. Flores de até 13 cm já foram observadas, e quanto às variedades, temos *alba*, *semi-alba*, *coerulea*, e *concolor*. A espécie, como já dito, é nativa do estado da Bahia, e sua época de floração é entre setembro e dezembro. Em seu habitat, observações já foram feitas sobre as variações de época de floração relacionadas à duração da estação seca. Estas observações são creditadas principalmente a orquídifilos do Espírito Santo e de São Paulo.

Laelia jongheana

Esta espécie já é completamente diferente das anteriores. Para começar, é a mais rara do grupo, com exceção talvez da seguinte, tendo mesmo sido incluída no grupo das dez espécies de orquídeas proibidas de serem importadas ou exportadas (no Brasil, apenas a *Laelia lobata* completa o grupo). É nativa do estado de Minas Gerais, e na verdade pouco se sabe sobre seu habitat. Com relação à planta, é algo diferente das anteriores, assemelhando-se a uma *L. pumila* mais robusta e mais rústica, também com as folhas mais ponteagudas. As flores aparecem quase sempre isoladamente, raro em pares, e são as maiores da secção, chegando a atingir mais de 15 cm de largura total. A forma destas flores é bem diferente das demais, a começar pela disposição das sépalas laterais, que quase sempre são muito "garfadas", chegando mesmo às vezes a se tocar. As pétalas chegam às vezes a ser bem largas, mas nunca perto de redondas, e todos estes segmentos têm colorido róseo. O labelo é muito diferente do das anteriores. É proporcionalmente muito pequeno com relação ao restante da flor, e as porções laterais muitas vezes não se tocam, desta forma expondo a coluna. A porção frontal é normalmente rósea, mas o mais interessante é a região mediana do labelo, orlada de quilhas irregulares longitudinalmente, paralelas e carnosas, sendo que toda esta porção apresenta colorido dourado. Sua época de floração é o inverno.



Laelia jongheana 'Boa Vista'

Laelia alaorii

É a espécie mais recentemente descrita da secção, sendo também a de menor porte, raramente passando dos 6 cm de altura total, e desta forma mais parecendo uma *Sophronitis*. Vegetativamente, é algo intermediário entre uma *L. sincorana* e uma *L. pumila*, guardadas, é claro, as proporções. As flores são as menores do grupo, raramente ultrapassando 4 cm de largura, já que, além de serem pequenas, na maior parte das vezes pouco se abrem. O colorido das flores é róseo, geralmente claro, incluindo o labelo, e desta forma grande parte dos clones tem aparência de "concolor". Exceção é feita ao tubo do labelo, amarelo. A raridade ou não desta planta em seu habitat é muito discutível. Alguns a consideram rara pela destruição de seu habitat, as florestas da mata atlântica baiana na faixa de 100-200 msm, o que sem dúvida faz sentido. Outros consideram que, na verdade, o habitat da espécie não está bem conhecido, e grandes populações serão descobertas no futuro. Outros ainda acham que a espécie não é tão rara assim, o que ocorre é que as plantas são tão pequenas e vivem em árvores tão altas, que é totalmente impossível de serem vistas do solo. Enfim, a espécie é pouco difundida em cultivo, e pouco se sabe sobre seu modo de vida.

Cultivo

O cultivo destas plantas pode ser analisado a partir de algumas observações. Primeiro, é fácil deduzirmos o período de crescimento e floração destas plantas, pois estes aspectos estão intimamente ligados. Aqui, não temos problemas como na secção *Cattleyodes*, onde algumas espécies produzem o broto com espata para florir meses depois. Crescimento aqui quer dizer floração! Após a floração, temos o repouso, e desta forma já entendemos o ciclo anual destas plantas.

O pouco que foi dito sobre o modo de vida das espécies também é a chave para cultivá-las. Com exceção de *L. sincorana*, todas as espécies podem ser cultivadas junto com a média das espécies e híbridos de *Cattleya*, com relação à luz. Para *L. sincorana*, as condições como para *L. purpurata* e *L. lobata* são satisfatórias. Com relação à temperatura, algo mais deve ser dito. Com exceção de *L. alaorii*, todas as espécies estão sujeitas, em seu habitat, a uma temperatura amena ou fria, pelo menos durante parte do ano. As espécies sujeitas a mais frio durante o inverno, no habitat, são *L. jongheana*, *L. dayana* e *L. pumila*. Entretanto, para estas 5 espécies, o cultivo em locais onde a temperatura vá, no inverno, a um mínimo de 5-10°C, e a um máximo, no verão, de 35°C, é satisfatório. Temperaturas mais amenas no verão são ainda melhores. Para *L. alaorii* não é aconselhável deixar a temperatura cair tanto no inverno. Boa ventilação é também sempre bem-vinda, e com relação às regas, devem ser copiosas na primavera e verão, e bastante diminuídas no inverno, até mesmo para *L. jongheana*, que termina o desenvolvimento de seu novo broto em fins de outono.

Com relação ao substrato, podemos dizer que estas plantas preferem ser cultivadas em tocos ou placas ao invés de vasos, com exceção talvez de *L. sincorana*, que gosta de pequenos vasos. As espécies que em seu habitat habitam árvores de casca rugosa em matas baixas mais abertas, como *L. jongheana* e *L. pumila*, crescem muito bem em tocos de corticeira, enquanto *L. dayana* e *L. praestans* vão bem em tocos de fibra de xaxim. Mas isso quando temos alta umidade atmosférica, pois se não for o caso, devemos cultivar todas as espécies em tocos de xaxim.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No primeiro número deste segundo ano da Revista Orquidário, teremos a continuação das Laelias Brasileiras, com a abordagem de espécies com flores róseas da secção Parviflorae, um grupo numeroso. Carlos Eduardo Brito Pereira começa uma secção dedicada inteiramente aos Oncídiuns, abordando diversos aspectos deste gênero tão ornamental e rico em espécies brasileiras. Osmar Júdice tece comentários sobre John Lindley, figura maior da orquidologia, que viveu no século passado. Ainda, Érico de Freitas Machado faz comentários externando sua opinião sobre orquídeas capixabas.

Os Insucessos que Ninguém Conta (e as orquídeas que matei)

A. PESSÔA¹

Não posso afirmar com cem por cento de certeza, mas não me lembro de ter visitado um orquidário, nestes meus magros dez anos de colecionador sem ouvir duas frases clássicas: "este ano floriu mal", ou então, "voce precisava ver a flor do ano passado". O pior é que já peguei a doença e, diante dos incautos, sirvo-lhes as frases conhecidas.

Também acho que poucas vezes alguém me falou de seus insucessos iniciais. O veterano parece não ter errado jamais, em cortes feitos fora da época, em relação a adubos mal aplicados, em matéria de substrato inadequado ou de excesso de luz que danificasse suas plantas. Mal o pobre iniciante adentra a estufa, o dono logo chama a atenção para bulbos de grossura fora do comum (geralmente são só duas ou três plantas, como aprendi depois), uma flor da planta rara, que deixa o visitante extasiado, ou a exuberância das flores. Enquanto isso, o iniciante se afoga em quantidades e tudo floresce uma porcaria.

Quero crer mesmo, que o orquidófilo iniciante é um homem mais sujeito à "lei da implicância natural das coisas" que os demais. Assim, ao trocar a planta de lugar o botão (esperado por um longo ano) quebra, a telha plástica inadequada queima as folhas, o corte dianteiro perde "aquele broto" e a floração é medíocre. Diante destas desgraças o veterano acha graça. Será mesmo que não passou por isso?

Devo então confessar, à guisa de prestar um serviço público ou caso isto possa servir de consolo a alguém, que matei uma quantidade razoável de plantas, sobretudo em meus primeiros tempos de cultivo. Primeiro matei *Laelias* crispas, depois "seedlings" e meristemas da *Florália*. Um morreram de sede; outras por afogamento e ainda outro lote envenenado por excesso de fertilizantes. Lembro mesmo de um "seedling" que eu não matei. Ele é que morreu de raiva, ingratamente, depois da vigésima vez que futuquei o substrato para verificar o enraizamento.

Aliás, uma das coisas que muito me intriga nesta atividade, é saber de onde Rolf Altenburg retirou seu clássico anúncio da Lista de preços "CULTIVAR ORQUÍDEAS É UMA ATIVIDADE FÁCIL E SÓ LHE TRARÁ SATISFAÇÕES". fácil uma ova! O diabo entende as orquídeas!

Tome-se uma "*Laelia purpurata*". Só corte quando o novo broto estiver com até dois centímetros, ensinam os craques. Depois, não dá! Espere o enraizamento, ensinam outros. Segue-se tudo à risca, e, algumas vezes, parece que não ensinaram a lição à planta cortada! Regrida, funda, retrocede, empaca e o jeito é esperar mais de três anos pela recuperação. Haja paciência!

Ultrapassados estes tempos de insucessos e complexos de inferioridade, o orquidófilo se julga amadurecido e experimentado. Ledo engano! Parte-se então para as cruzas e com grande entusiasmo. Cruza-se de tudo (e, obviamente, de tudo que é inadequado e ruim). É a fase de cozinheiro. A cozinha transforma-se num laboratório de alquimista. A panela de pressão apita. A

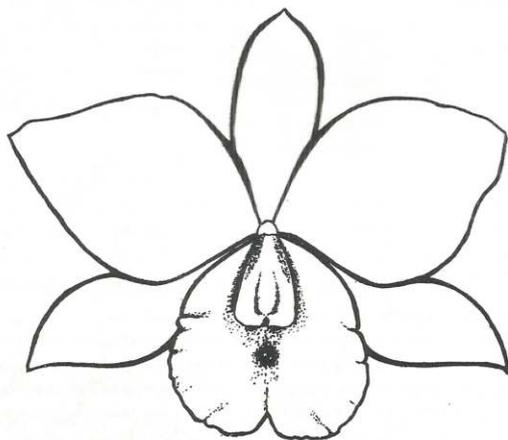
¹R. Uruguai, 508/102, Tijuca, Rio de Janeiro.

empregada é escorraçada. Afugentam-se os filhos. A esposa reclama. Entre batatas, bananas, tomates, água de côco, agar-agar, tubos de ensaio, hipoclorina, bastões, placas de Petri e frascos de Erlenmeyer lá está o orquidófilo em meio à nova paisagem.

A família espera que daquela confusão saia, no mínimo um bolo. Nada disso. Sai cheiro de cêra derretida, na grande feitiçaria em que nos metemos, para afinal selar os frascos.

Feita a sementeira, mais da metade funga! Espera-se a germinação. Como demora! Damos tratos à bola para acelerar o crescimento. Conheço mesmo um orquidófilo de sucesso, cujo nome não vou revelar para evitar encrencas (e até possivelmente tornar-me réu de um processo crime) que após conseguir plantas vivas, já no vaso coletivo, plantou-as no frasco novamente, num meio de cultura dito ser infalível acelerador. Resultado: matou todas!

De forma, meu caro amigo e colega, que teve a paciência de chegar até aqui; meu conselho final é o seguinte: se você matou orquídeas saiba que pertence a uma grande facção de orquidófilos. A facção dos que ficam na moita e não confessam. A solução é insistir e procurar não matar mais. Afinal, estamos apenas nos divertindo e nossa coleção é de plantas e não de amarguras e frustrações.



Lc. MINI PURPLE

(*L. pumila* X *C. walkeriana*)

Laelias Brasileiras - Noções, espécies e cultivo - 4

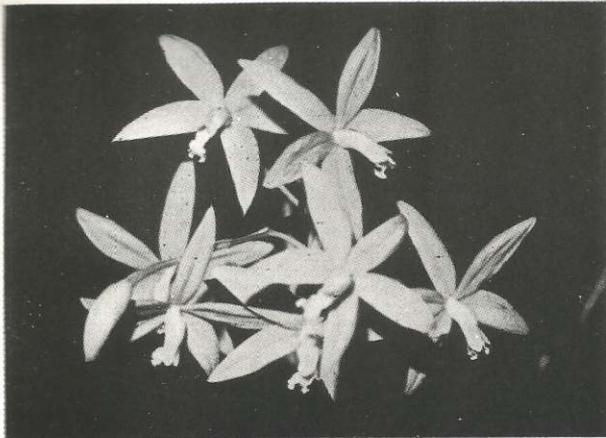
FRANCISCO MIRANDA¹

O quarto número desta série é uma introdução sobre a mais numerosa secção do gênero Laelia, a saber, secção Parviflorae (ou Cyrtolaelia). Esta introdução é interessante ser feita antes da abordagem das espécies da secção, para comentar sobre seus pontos em comum, tanto em aspectos morfológicos como modo de vida.

As espécies da secção Parviflorae são conhecidas vulgarmente pelos orquidófilos como Laelias rupícolas, devido ao seu modo de vida, geralmente sobre lajes de pedra ou em fendas nas mesmas. Entretanto, nem todas as espécies são realmente rupícolas, vivendo sobre árvores, como mais tarde será mencionado.

Basicamente, as Laelia da secção Parviflorae tem morfologia muito constante. As raízes são filiformes, pouco espessas. O rizoma é sempre muito curto, de modo que os brotos sempre estão bem agrupados, formando touceiras compactas. Os pseudobulbos são geralmente cilíndricos às vezes um tanto cônicos e, em espécies ou indivíduos que vivem sob insolação forte, quase ou mesmo redondos. Estes pseudobulbos são encimados por uma única folha ereta ou em algumas espécies ligeiramente recurvada para fora, fortemente carnosa e acanoada. Em casos de muita insolação, podem ser quase redondas. Em casos de anomalia, podem aparecer duas folhas no topo dos pseudobulbos, geralmente quando as plantas estão vivendo sob luminosidade insuficiente. As inflorescências podem ser curtas, mais baixas do que as folhas, até muito altas, em algumas espécies com até 1 metro de altura, e são produzidas protegidas por espata sempre bem nítida. As inflorescências são roliças, com anéis e brácteas apressas em sua extensão e as flores são mais ou menos agrupadas na porção terminal. Em algumas espécies, as flores se abrem sucessivamente, mas na maior parte delas abrem-se simultaneamente. As flores são em forma de estrela, com pétalas e sépalas iguais ou muito semelhantes, e labelo pequeno, com bordos franjados. O colorido destas flores pode ser amarelo, alaranjado, vermelho, róseo e branco, e os coloridos são úteis para formarmos grupos de espécies, como mais à frente será discutido. Mais algumas características podem ser mencionadas. É caráter de utilidade taxonômica dentro dos grupos o número de cristas no interior do labelo, que pode ser 2 ou 4. Algumas espécies se caracterizam ainda por uma coloração arroxeada tanto nos pseudobulbos quanto nas folhas e algumas espécies podem mesmo mostrar plantas com e sem esta coloração. É importante mencionar que estes tons arroxeados não são indicadores que a espécie deva ser cultivada sob mais ou menos insolação, pois L. flava apresenta esta coloração e é espécie que deve ser cultivada mais à sombra que L. crispilabia, que entretanto apresenta pseudobulbos e folhas completamente verdes.

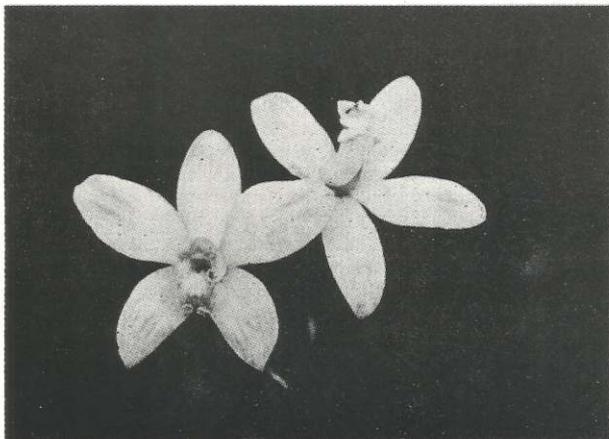
¹ Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.



Laelia kautskyi

Após esta breve introdução sobre a morfologia das plantas , algo mais deve ser comentado sobre seu modo de vida. Estas plantas podem ser encontradas em lajeados de pedra nas altas serras dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. Vivem em geral associadas a pequenas moitas de Vellozia e pequenas bromélias, ou mesmo apenas com uma proteção de líquens. Algumas espécies, como L. crispilabia, vivem quase que diretamente expostas ao sol, enquanto outras, como L. cinnabarina, L. flava e L. angereri são o extremo oposto, vege-

Laelia ghyllanyi



tando entre pequenos arbustos. Em Minas Gerais, muitas espécies são encontradas em serras onde a rocha é quase que minério de ferro puro, enquanto que nas outras regiões as rochas são quase sempre cristalinas, como na região de Diamantina, MG. Essas variações de tipo de rocha influenciam em maior ou menor grau a distribuição local das espécies, e com isso temos que a maior parte das espécies é endêmica, às vezes ocorrendo em uma única e específica serra, e não em outra a poucas dezenas de Km de distância. Outras espécies, entretanto, tem uma distribuição mais ampla, chegando, como no caso da L. crispilabia a viver sobre rochas de minério e rochas cristalinas, apesar que em restrita região de algumas dezenas de Km de extensão, próxima a Belo Horizonte, MG.

Com o exposto, podemos deduzir que as plantas gostam de muita luminosidade, mesmo sol direto, às vezes. Entretanto, alguns aspectos devem sempre estar em mente. Nestas regiões, a ventilação é muito boa, na maior parte dos casos há mesmo brisa ou vento constante, o que mantém a temperatura das plantas baixas. Também deve ser lembrado que, apesar da umidade diurna baixar muito durante o dia, quase todas as tardes há neblina nestas áreas, o que faz com que a umidade noturna seja muito alta. Deve ser entendido, então, que as plantas estão adaptadas a uma baixa umidade por tempo limitado, o que em cultivo deve ser traduzido por boa drenagem do substrato e regas frequentes. Apesar de muitas espécies serem endêmicas, isso não quer dizer que sejam difíceis de cultivar ou que requeiram condições muito especiais. Estas plantas são, com poucas exceções, extremamente fáceis de cultivar e florir, mesmo em áreas muito mais quentes que seu habitat natural.

E comentando sobre exceções, não podemos esquecer as espécies desta secção que não são rupícolas. Estas são apenas 3 ou 4, dependendo do ponto de vista taxonômico. Vivem no interior de matas no Espírito Santo e Bahia e são: L. harpophylla, L. kautskyana e L. brevicaulis. Estas tres espécies são muito semelhantes vegetativamente, e são algo diferentes das espécies rupícolas. Estas diferenças são nos pseudobulbos, aqui cilíndricos e esguios, mais semelhantes aos de uma Brassavola, e nas folhas menos carnosas e acanoadas, mas as flores não deixam dúvida a que grupo pertencem. São estas rigorosamente como as das outras espécies do grupo, apresentando-se alaranjadas e avermelhadas.

Em termos de grupamento destas espécies, para facilitar seu estudo, usa-se agrupar dois grupos, o primeiro incluindo as espécies de flores roxas ou róseas, e o segundo grupo com as de flores amarelas, alaranjadas e vermelhas. Para facilitar ainda mais a análise das espécies, este segundo grupo será aqui subdividido em dois, o primeiro incluindo as de flores amarelas, e o segundo com as espécies de flores alaranjadas e vermelhas. No próximo número da série, serão tratadas as espécies de flores roxas ou róseas.

Richard Spruce

e a Divulgação da Flora Amazônica

ÁLVARO PESSÔA¹

Quem adentra o Jardim Botânico Nacional e toma à direita, em direção à região amazônica, tem seu passeio emoldurado por árvores cor de canela, em ambos os lados da aléa. Tronco liso e fusiforme, porte imponente e majestoso, ali estão os pés de "Pau Mulato" ou, cientificamente, os "*Enklysta spruceana*". Trata-se de uma das espécies amazonenses, com a qual a ciência homenageou Richard Spruce, pelos seus quase dezoito anos de pesquisa naquela região brasileira.

Quem era Richard Spruce e que estranho amor o prendia à amazônia? Spruce era um homem pobre. Um cidadão da região de Yorkshire, na Inglaterra, de profissão mestre-escola e botânico autodidata. Desde menino, nas idas para a escola, Spruce cultivava a mania singular de catalogar as plantas que encontrava, com especial carinho os líquens. Tendo nascido em 1817 e falecido em 1893, defrontara-se com um mundo completamente diferente dos pesquisadores do século anterior. Quando ele nasceu, efetivamente o mundo havia mudado bastante. Os efeitos científicos do século XVIII estiveram ligados à fortuna pessoal. La Condamine era rico. Os pais de Darwin idem. O Barão Humboldt gastara metade da fortuna (que não era pequena) em suas expedições. - Spruce, porém, era muito pobre, com seu magro salário de mestre-escola. Mas Spruce sonhava com a amazônia

Quem começara a descrever e catalogar as plantas da região fora Aimé Bonpland, que Humboldt trouxera como companheiro de expedições. Mas Bonpland era um homem de pouca sorte e grande parte do produto de sua pesquisa se perdera em um naufrágio, inclusive a parte relativa às orquídeáceas. O botânico identificara gêneros e diversas espécies de orquídeas, entre elas a nossa "*Cattleya violacea*". Este infortúnio ocasionou a perda momentânea do equilíbrio mental de Bonpland, que teve de regressar à Europa.

Richard Spruce lia as poucas publicações de Bonpland sobre a amazônia e sonhava com viagens aparentemente impossíveis. Ocorre que os eleitos da sorte e do talento acabam, quase sempre, alcançando os altiplanos da existência e um dia apareceu a oportunidade de Spruce. Seus artigos publicados na revista técnica "PHYTOLOGIST" chamaram a atenção dos administradores de Kew Gardens e Spruce largou o ofício de mestre-escola para consagrar-se na botânica. Ao invés da amazônia, mandaram-no pesquisar a região dos Pirineus! Mas é ali que ele granjeia fama e prestígio.

No dia 7 de junho de 1849, Spruce afinal embarca para o Brasil e, em julho, já está em Belém, dali partindo para Manaus. Para financiar a expedição assinara contrato com onze museus europeus, de sorte que, de cada espécie de planta, necessitava de onze exemplares. Um para cada patrocinador.

Imaginem, se puderem, dizia sua primeira carta para Kew Gardens: - 5.000.000 de quilômetros quadrados de florestas! Nestas florestas, Spruce viveu quase 20 anos. Quase morreu de malária e foi assaltado e saqueado por seus próprios empregados. Mas sobreviveu, deixando impressionante legado.

¹R. Uruguai, 508/102, Tijuca, Rio de Janeiro.

Spruce era um botânico meticuloso e cuidadoso. Anotava o nome indígena de cada planta, experimentava ele mesmo as infusões de casca ou flores, quando os índios falavam sobre suas propriedades medicinais e enviava tudo por mar e para melhor exame, em Kew Gardens. Desta forma é que, experimentando uma bebida indígena, que "dava força ao guerreiro" descobriu uma trepadeira ornamental, a "*Banisteria caapi*", que possui um narcótico contendo alcalóides de fenol, posteriormente usado como anestésico, em toda a Europa. Nesta mesma linha, Spruce identificou, colheu e transportou para serem plantadas nas possessões inglesas da Malásia, a árvore que produz o quinino, a "chinchona".

Após oito anos, 4.000 milhas de viagens fluviais e 20.000 espécies classificadas, Spruce estava ansioso por ver europeus, rever cenário urbano civilizado e regressou a Manaus. A cidade era agora um novo mundo! A febre da borracha e a exploração da "*Hevea brasiliensis*" transformara a cidade num burburinho. Esta febre ia durar até 1900, quando o roubo das sementes das árvores da borracha brasileira, por Henry Wickham, dá a Inglaterra a supremacia da produção da borracha na Malásia.

A despeito de seu intenso trabalho, Spruce nunca ficou tão famoso e conhecido como Darwin e Humboldt. Aquele que abriu o mundo da ciência a selva amazônica, não recebeu honrarias, nem foi sepultado, como Darwin, na Abadia de Westminster. Voltou à Inglaterra, mas voltou como saiu, sem recursos financeiros.

Spruce viveu ainda os últimos dezessete anos de sua vida, no seu nativo Yorkshire, morando numa casinha de um só cômodo. Ali, vez por outra, recebia visitas de outros exploradores e botânicos e, em especial, de Darwin, levando vida modesta e recatada. Suas glórias e suas conquistas não se podem, porém, medir em termos materiais. Spruce, como os homens de ciência de seu tempo, ainda que à custa de dificuldades, conseguira superar os obstáculos e concretizar seu sonho de infância: divulgar ao mundo a flora do Amazonas.

FLORABELA

— ORQUÍDEAS Nativas do Estado do ESPÍRITO SANTO

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

CAIXA POSTAL 841 - CEP 29.001 - VITÓRIA - ES



Nesta época do ano em que as *Laelias rupícolas* florescem em tamanha profusão, muitas espécies poderiam ser destacadas, da mesma forma que *L. angereri*, capa desta edição. Entretanto, entre todas estas, *L. milleri* sobressai por suas maravilhosas flores alaranjado-avermelhadas até vermelho-intensas. Ao contrário de *L. angereri*, *L. milleri* já está sendo bastante usada em hibridação, para produção de vermelhos. Em comum, as duas espécies tem, além da coloração, o fato de serem das mais raras em seu habitat natural. *L. milleri* é planta bem menor do que *L. angereri*, raramente atingindo 10 cm de altura, e também suas inflorescências são bem mais baixas, na média com 20-30 cm.